



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11204 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**MULHERES RITMISTAS NO CARNAVAL DE CORUMBÁ (MS): AS BATERIAS DE ESCOLAS DE SAMBA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM**

Rener de Melo Helena - UFMS - PPGE CPAN - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**MULHERES RITMISTAS NO CARNAVAL DE CORUMBÁ (MS): AS BATERIAS DE ESCOLAS DE SAMBA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM**

**Palavras-chave:** Carnaval; Baterias de escolas de samba; Gênero.

O carnaval é uma das maiores festas populares realizadas no Brasil. No contexto sul-mato-grossense, na cidade de Corumbá, “a capital do Pantanal”, é uma festa que marca a identidade nacional na fronteira Brasil-Bolívia. Costa (2013) explica que o carnaval de Corumbá apresenta os desfiles das escolas de samba nos padrões cariocas. Os dados aqui reunidos e analisados são de uma pesquisa de mestrado que tem o objetivo de estudar currículo e pedagogia cultural das masculinidades a partir das baterias de escolas de samba. Neste trabalho em específico, me interesso em discutir um recorte temático que surgiu no trabalho de campo com homens ritmistas: a participação das mulheres nas baterias de escolas de samba de Corumbá.

Para a dissertação de mestrado, realizei entrevistas com 7 homens ligados ao carnaval corumbaense, e o tema da participação das mulheres foi recorrente. As entrevistas foram semiestruturadas – que “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 40). Apesar de não ter tido a participação de mulheres nas entrevistas, visto

que metodologicamente a pesquisa de mestrado não a previa, pude observar que, para além dos dados das entrevistas, as mulheres se faziam presentes nos artefatos selecionados para a pesquisa, como nos 20 vídeos do *YouTube* de apresentações de baterias e 103 matérias jornalísticas sobre o carnaval de Corumbá divididas em 4 portais de notícias. Por isso, metodologicamente, mulheres também compõem o campo *on-line* (NOVELI, 2010) do meu estudo, o que possibilita analisar a participação delas nas baterias de escolas de samba corumbaenses. Com isso, reitero o que Louro (2007) ensina sobre o conhecimento: não há certezas, há provisoriedade. O conhecimento seria incompleto e sem fim. Para que haja avanços no campo científico, é preciso alcançar o outro através da escuta qualificada e observação.

Afirmo que diversos espaços da sociedade são pedagógicos e, aqui, incluo as baterias de escolas de samba. Bortolazzo (2020) ensina que não há uma consolidada e única narrativa. A cultura não estaria pronta. No que diz respeito ao carnaval, as pessoas, nesse ambiente, vivem uma experiência que produz elas mesmas. Embora tenha encontrado uma maioria de homens nesses espaços, conforme já anunciado, neste trabalho específico terá a presença das mulheres considerada nas análises.

Ubirajara, um dos entrevistados, ao ser questionado se há diferenças entre os instrumentos da bateria para homens e mulheres, garante: “Teve durante muito tempo e está acabando... Você vai ver mulheres em todos os instrumentos sim...”. Dominginhos relata: “Na bateria, antigamente, você não via mulheres na bateria, era 99% de homens. Hoje diversificou a bateria: teve homem, mulher, enfim, tudo o que é gênero...”. Ele continua: “(...) ali dentro de uma bateria você encontra de tudo: (...) é o lugar onde todo mundo convive em paz, todo mundo se respeita”. O mesmo entrevistado ainda discorre: “(...) Hoje a mulher já participa mais... acho que isso é da própria família... a mulher não carregava essa coisa de ‘você vai tocar em uma bateria’. Seria uma audácia, porque era um lugar só de homens”.

Ainda sobre esse tema, questiono Dominginhos se haveria diferenças entre os instrumentos para homens e mulheres, ele responde: “As mulheres pegam os instrumentos que se adequam mais ao físico delas. (...) As mulheres geralmente tocam chocalho, tamborim, instrumentos mais leves e fáceis”. Ubirajara diz que as mulheres, em sua maioria, tocam tamborim e chocalho e continua: “Parece que não, mas o ambiente do carnaval ainda é um tanto machista em alguns setores. Na bateria, cada vez menos”. Carlinhos também afirma que as mulheres tocam os instrumentos mais leves, embora elas possam tocar os instrumentos mais pesados. Luis, por sua vez, ao responder sobre diferenças entre os instrumentos para homens e mulheres, detalha: “Tem, justamente por causa do peso (...). Hoje em dia, até elegeram a maior percursionista na ala de repinique e é uma mulher, uma das melhores do Brasil. Pra ser uma das melhores do Brasil, tem que ter ensaio, perseverar...”. Sobre isso, Amadeu também assegura: “Geralmente as mulheres tocam os instrumentos mais leves, né, que é o tamborim, chocalho, e os homens tocam os mais pesados, que é o surdo, a marcação... Essa é que é a diferença, mas, tipo assim, pra aprender não tem dificuldade, não, é a mesma coisa”.

É possível problematizar a forma de fazer funcionar as lógicas de gênero nas experiências pedagógicas de baterias, afinal, ao mesmo tempo em que, hoje em dia, as mulheres podem escolher os instrumentos que querem tocar, há artefatos musicais tidos como mais masculinos do que femininos, especialmente considerando o peso e o movimento. Butler (2021) explica que o sexo é ideal regulatório e a *performance* deve ser compreendida como uma prática reiterativa. Percebo que isso se aplica às baterias de escolas de samba, afinal, nos ensaios e apresentações repetem-se os mesmos movimentos ao se tocar determinados instrumentos, sejam eles leves ou pesados, e, com isso, constrói-se (ensina e aprende) gênero.

Pensando em como os instrumentos musicais determinam a atitude de quem os tocam, Carlinhos discorre em relação ao chocalho: “Ele pede uma desenvoltura. (...) As meninas que tocam chocalho tocam com o corpo mais ritmado, quem toca malacacheta toca mais leve também”. Por sua vez, Gustavo assegura: “Todo instrumento tem uma forma de carregar. Tamborim e chocalho são os mais leves. (...) A escola tem uma hora de desfile, você tem que carregar o instrumento, tem que carregar a fantasia e você lida ali com a sua emoção, adrenalina. Tem que lidar com três ou quatro fatores ao mesmo tempo”. Ou seja, há desafios a serem enfrentados no momento do desfile que eles compreendem como generificados ao justificar os instrumentos tocados por elas.

Hoje se ensina que os espaços de baterias de escolas de samba de Corumbá estão mais democráticos para a entrada e participação de mulheres. Hélio, o entrevistado que participa há mais tempo do carnaval corumbaense, reflete sobre o movimento de entrada de mulheres nas baterias de escolas de samba e afirma que antigamente havia mais discriminação, que as mulheres eram consideradas o sexo mais frágil, mas que hoje as mulheres tocam diversos instrumentos e são boas no que fazem. Luis garante: “A mulher pode estar onde ela quiser”. Gustavo também se certifica que mulheres são bem-vindas nas baterias: “Na minha bateria, tem uma mulher que toca chocalho, é a minha diretora de bateria da ala de chocalho. Ela e o esposo estão comigo desde a criação da bateria. Acho bonito isso quando tem homens e mulheres...”. Amadeu amplifica a discussão ao sustentar: “As mulheres geralmente são esposas dos homens que tocam...”. Ele ainda revela a paixão da própria filha em relação à bateria: “(...) A minha filha não vê a hora de começar”. Considerando a resposta de Amadeu, avalio que, talvez, para uma mulher casada com um homem ritmista tocar em bateria de escola de samba de Corumbá seja mais viável e incentivado do que para uma mulher solteira. Com isso, penso que exista um indicativo moralista e normalizador de gênero.

Assim como na pesquisa de Bilate (2013), em minha pesquisa de mestrado aparecem as mulheres mais afinadas aos instrumentos mais leves. A hipótese de pesquisa de Bilate (2013) é a de que existe relação entre instrumentos musicais e construção de identidades de gênero. Percebo o mesmo em minha pesquisa, afinal, cada instrumento tem um peso e pede um movimento específico para que toda a bateria se harmonize.

Por conta da pandemia de Covid-19, eu não pude participar como ritmista de bateria

de escola de samba em Corumbá, afinal, o carnaval foi cancelado nesse período. Mas através de etnografia *on-line*, por meio de vídeos disponíveis no *YouTube*, eu pude ver mulheres tendo que se masculinizar de gari e militar, ambas profissões consideradas mais masculinas, para participarem da bateria. O contrário, homens vestindo roupas consideradas mais femininas, não foi encontrado. Ou seja, artefatos (instrumentos musicais e/ou roupas) constroem gênero nas baterias de escolas de samba de Corumbá.

Machado e Araújo (2016) fazem observações e análises do “Bloco das Mulheres Rodadas” no carnaval de 2015 no Rio de Janeiro. Elas percebem que as mulheres ainda se encontram em situação de desigualdade na sociedade por conta de uma estrutura patriarcal, mas que o feminismo existe justamente para questionar a naturalização das desigualdades de gênero e abrir novos caminhos. É a partir do acesso das mulheres ao espaço público que pressupostos são questionados e geram-se transformações no currículo e na pedagogia cultural da sociedade.

Conclui-se, a partir da discussão acima, que, apesar de haver uma maioria de homens ritmistas nas baterias de escolas de samba de Corumbá, há hoje em dia a possibilidade de inserção e participação de mulheres ritmistas nessas baterias. Percebo que o acesso mais democrático de mulheres às baterias de escolas de samba da cidade contribui com a construção de uma sociedade mais plural. Afinal, os mesmos espaços que já são ocupados por homens também podem ser ocupados por mulheres, mas noto que essa inserção e participação delas nas baterias ainda reproduz valores generificados limitados para a compreensão do que é ser mulher em nossa sociedade.

### Referências Bibliográficas

BILATE, Lucas Ferreira. **Sociabilidade de gênero em baterias de escolas de samba no Rio de Janeiro**. 2013. 79 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: uma análise do contexto Brasil e Austrália. In: **Momento: diálogo em educação**, v. 29, n. 1, p. 315-336, Jan./Abr., Rio Grande, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8674/7217>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 191-219.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. In: **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 25, n. 2, p. 141-156, Nov., São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/78769/82821>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... In: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235-245, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Fernanda Amim Sampaio; ARAÚJO, Thayane Brêtas de. Quando o feminismo encontra o carnaval: o 'Bloco das Mulheres Rodadas' e a luta por direitos. In: **Enfoques**, v. 15, p. 111-125, Dez., Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12639/8843>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

NOVELI, Marcio. Do off-line para o online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? In: **Organizações em Contextos**, Ano 6, n. 12, p. 107-133, Jul./Dez., São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/2697>>. Acesso em: 10 jul. 2022.